

Luciêr de Sousa e Silva

7º ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

GT 05: Dialogando com as ciências humanas: Experiências práticas de formação docente e  
interdisciplinaridade

PROFESSOR DE PRIMEIRA VIAGEM, ESCOLA PÚBLICA E PRÁTICA PEDAGÓGICA:  
“ANTROPOLOGIA? QUE BICHO É ESSE PROFESSORA?”

Belém, Pará

2021

## INTRODUÇÃO

A escolha pela docência não diz respeito somente a quem tem como inspiração essa profissão desde criança. Compartilhar conhecimento e aprender com o outro, pode ser uma aspiração que vai crescendo à medida que se tem acesso tanto ao mundo das ideias quanto à prática. Dessa forma, quando se opta pela licenciatura, a questão a ser considerada é o desafio ao qual o professor encontrará sempre nas salas de aulas. Nessa perspectiva, esse relato diz respeito a esse universo: de compartilhamento, aprendizado e desafios e explicita a primeira experiência de prática pedagógica em sala de aula. A escola era pública, a turma de Ensino Médio no Estado do Espírito Santo. Eu havia sido contratada para lecionar aulas de Sociologia. O objetivo desse relato é compartilhar os sentimentos e emoções que permeiam professores de primeira viagem, assim como eu fui como também apresentar uma prática pedagógica que dinamizou as aulas e transformou a relação cotidiana tanto aluno-aluno como aluno-professor.

Recém-formada, busquei compartilhar o conhecimento adquirido na graduação do curso de Licenciatura em Ciências Sociais/UFF/RJ, com alunos de escola pública e através de seminário antropológico sobre minorias foi possível apreender conceitos de forma prática na medida em que a atividade exigiu pesquisa, escrita e apresentação caracterizada. Sendo assim, este relato tem como objetivo principal dividir essa experiência que foi muito relevante para minha trajetória profissional e pessoal. A justificativa consiste em expandir no meio acadêmico tanto a prática pedagógica como seus resultados. O referencial teórico ficou em torno dos autores da Antropologia que constam nos livros didáticos de Sociologia e conceitos como Alteridade, Etnocentrismo, Evolucionismo. A metodologia se deu por meio de pesquisas sobre didática, plano de aulas, projetos e atividades de Antropologia além de observação participante (FOOTE-WHYTE, 2005). Como resultado, a experiência se traduziu em um misto de superação pessoal, profissional e num constante desafio de fazer cada vez melhor o papel de educadora a qual escolhi além de ter proporcionado aumento no rendimento escolar e aberto portas para projetos interdisciplinares com outras áreas do conhecimento que não às das Ciências Humanas, como por exemplo, a disciplina de Biologia.

## DESENVOLVIMENTO

O ano era 2017 e o Estado, era do Espírito Santo, no município de Cachoeiro de Itapemirim. Após a assinatura do contrato de trabalho, me dirigi à escola que eu havia escolhido naquele momento e assumi três turmas para lecionar Sociologia, sendo, uma de 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio. O ano letivo se iniciou e eu logo na segunda-feira, entrava na sala do 2º ano. O estranhamento (DA MATTA, 2010) se entrelaça com o desafio de dar aula pela primeira vez. E, aquela emoção misturada com um pouco de medo, eu não havia aprendido nos anos de graduação. Ao longo da formação de professores, algumas disciplinas se restringem apenas à teoria, ficando distante da prática, e ainda, às que levam os graduandos à sala de aula, no período de estágio, certas emoções a prática nesse período não replete a realidade. Nóvoa (2013) destaca que,

É evidente que a Universidade tem um papel importante a desempenhar na formação de professores. Por razões de prestígio, de sustentação científica, de produção cultural. Mas a bagagem essencial de um professor adquire-se na escola, através da experiência e da reflexão sobre a experiência. Esta reflexão não surge do nada, por uma espécie de geração espontânea. Tem regras e métodos próprios. (NOVOA, 2013, p.5).

Por meio das palavras do autor, compreende-se que a bagagem de um professor vai se acumulando através da experiência da sala de aula. E, em relação a experiência de adentrar à sala de aula pela primeira vez, o professor recém-formado é tomado por muitos sentimentos e emoções. Mas, mesmo assim, é necessário enfrentar cada minuto de todo esse turbilhão de sentimentos. Eu havia ensaiado aquele momento por várias vezes na frente do espelho. Mas, ao chegar ali, na escola, na sala dos professores, onde eu frequentava a pouco como estagiária, receber os diários de classe e ser encaminhada a minha sala de aula, realmente, me despertava vários sentimentos tais como uma emoção muito grande de ter conseguido chegar até ali, vencido todas as dificuldades da graduação, o medo de não conseguir compartilhar o que eu havia aprendido ou às lições do livro didático, o medo de não ser aceita. Afinal, eu estava assumindo uma turma que vinha sendo acompanhada por uma professora desde o fundamental II, e principalmente, por não ser da mesma cidade.

De frente à turma, ao me apresentar, percebi que muitos alunos me olhavam também com estranheza. Busquei conhecer inicialmente cada aluno perguntando seu nome, se moravam no bairro e quais eram as expectativas tanto para aquele ano quanto para a vida de modo geral. Em uma sala de 40 alunos, do meio para o final, eu já me sentia menos nervosa e um pouco mais confiante.

Todas essas considerações são significativas na medida em que este momento representou uma oportunidade para assumir meu papel de professora e conhecer os alunos e um pouco da sua realidade. Pude tanto observar os alunos quanto a mim mesma através dos modos os quais eu fui me colocando na situação. Fui aprendendo ali a observar seus trejeitos, quem falava mais, quem era mais retraído e quem ficava em cima do muro.

#### *AS DIFICULDADES DA SALA DE AULA*

Eu imaginava que iria encontrar algumas dificuldades em sala de aula, afinal, era uma professora de primeira viagem. No entanto, com o passar do tempo, fui descobrindo que as dificuldades da sala de aula não começam exatamente na sala de aula como eu supunha. As dificuldades em um ambiente escolar perpassam pela própria estrutura da escola, das diretrizes do Estado em que o professor esteja atuando, a convicência com a equipe docente, pedagógica e diretiva.

Diferentemente do Estado do Rio de Janeiro, o Estado do Espírito Santo investe um pouco mais na Educação. Há metas a serem cumpridas. Os professores são estimulados a ter um índice de aprovação em suas disciplinas que resultam em abonos salariais, (tão necessários em um momento de precarização da Educação), os professores podem contar com um pouco mais de equipamentos eletrônicos para serem utilizados com os alunos em pesquisas e trabalhos que exigem acesso a internet.

Os alunos portadores de necessidades especiais possuem um tradutor que os acompanham na sala de aula, permitindo que o professor possa se comunicar com o aluno de forma a tirar as dúvidas e demais questões que possam atrapalhar o aprendizado. Esse é um ponto muito relevante: a formação contínua dos professores.

A mediação do professor no processo de inclusão é fundamental, porém resistências ainda se fazem presentes, principalmente relacionadas à formação, “o argumento mais freqüente dos professores, quando resistem à inclusão, é não estarem

ou não terem sido preparados para esse trabalho” (MANTOAN, 2005, p. 78), embora tenham ocorrido, nas últimas décadas, avanços nas legislações que prevêm a Educação Especial, devemos considerar que, historicamente, essas leis ainda são recentes. A Educação Especial continua lutando para romper com os velhos padrões educacionais e entraves como o preconceito, a falta de infraestrutura, adequação curricular, o despreparo do professor, entre outros, se configuram ainda, como uma realidade cotidiana, haja vista que cada vez mais alunos com necessidades especiais de todos os níveis estão assumindo suas cadeiras na sala de aula, fazendo valer o direito que a Constituição Federal (1988) garante e as diretrizes educacionais.

Cabe ressaltar que no Estado do Espírito Santo essa demanda vem sendo trabalhada, ainda que não esteja de acordo com a realidade, pois, observa-se que o trabalho docente em sala de aula é focado para alcançar um desempenho melhor em relação à escola para promover resultados que visam impactar no Ideb<sup>1</sup> do Estado, apesar de todos esses obstáculos.

De posse desses dados, procurei após o contato inicial traçar um plano de aula de acordo com o Projeto Político Pedagógico - PPP da escola e também com as características da turma.

Passado o medo do primeiro momento diante de 40 alunos, fui surpreendida com a dificuldade que alguns alunos tinham em relação a minha pessoa ser de “fora” da cidade. Tive dificuldades de aceitação pessoal. Um número expressivo de alunos dessa turma vinha tendo aulas com uma professora formada em Pedagogia desde os Anos Finais do Ensino Fundamental, o chamado Fundamental II. De acordo com as diretrizes do Estado, o professor formado em Pedagogia é considerado apto a dar aulas de História, Sociologia e Filosofia. E minha colega de profissão era professora daquela turma desde o 6º ano do Fundamental II. Houve uma resistência grande dos alunos quando ela não pode assumir mais a turma por ter sido aprovado em outro concurso.

Muitas vezes, ao terminar as aulas nessa turma do 2º ano, eu costumava perguntar se estava tudo bem, se havia algo que tivesse deixado dúvidas. A negativa da turma em relação a dúvidas era sempre uma certeza. No entanto, ao deixar a escola e voltar para Campos, eu sempre era surpreendida com mensagens da coordenadora pedagógica apontando reclamações da turma sobre a condução das aulas. A

---

<sup>1</sup> Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB. Criado em 2007, o indicador é um dos principais mecanismos para medir a qualidade da educação no País.

coordenadora deixava claro que sabia o que estava ocorrendo sobre a maioria da turma não estar aceitando a troca de professores, mas, que sabia que eu estava dando o meu melhor, pois estava me observando desde que surgirão as reclamações.

A respeito dessa situação, os trabalhos de Luc Boltanski e de Laurent Thévenot (1991), oferecem preciosas ferramentas conceituais para observar operações críticas, provas e disputas que podem estar ou não entremeadas pelas reclamações dos alunos em relação a minha didática. Essas abordagens fornecem possibilidades analíticas que propiciam a interpretação da formação de arenas conflituosas, à vista das críticas elaboradas pelos atores sociais, em uma dada situação. Permitem, assim, compreender analiticamente o modo de vida do aluno em sala de aula e seu comportamento no ambiente escolar, com base nas percepções dos próprios atores sobre o que consideram *justo e injusto*, e como esses sentidos se articulam face às relações perpassadas pela troca de professor. Adotar essa posição analítica sobre o que estava acontecendo implica uma postura descritiva e interpretativa do ponto de vista dos alunos, ao interpretar determinadas situações que poderiam surgir ao longo das aulas.

Busquei transformar minha sala de aula em um *lócus* de pesquisa. Eu anotava o que ocorria nas aulas em um caderno, como o caderno de campo do tempo da graduação. A partir de uma *descrição densa* (GEERTZ, 1989), ao chegar a casa, eu buscava compreender o que o campo (sala de aula) e meu objeto de pesquisa (meus alunos) estavam dizendo para mim.

#### *A SOCIABILIDADE FECHADA DA SALA DE AULA*

A escola em Cachoeiro de Itapemirim ficava localizada em um bairro que abrigava pessoas com todo o tipo de condição financeira, e por esse motivo, não poderia ser classificado somente como um bairro de classe média. Alguns alunos eram filhos de comerciantes destacados na cidade e profissionais de outras áreas como também de pais desempregados e trabalhadores do mercado informal. Mas, o que eles tinham em comum era algo que não vi nas escolas que estagiei em Campos: a personalidade. Todos os alunos cresceram juntos ou eram parentes de perto ou de longe, ou ainda, tinham algum tipo de relação entre pais, primos, tios. A maioria dos professores também morava no bairro. Todos se conheciam desde sempre de alguma forma. Ou estavam juntos na escola, na igreja ou no comércio. Mesmo que distantes, eram próximos. Bem

mais próximos que eu, que acabava de chegar e ainda por cima de outra cidade, de outro Estado.

Fui percebendo que a relação pessoalizada entre alunos-alunos e alunos-professores era marcada por uma sociabilidade fechada. (MAMANI, 2016). Embora eles se tratassem bem, tratassem outros professores de forma cordial e respeitosa, comigo não era assim. O tratamento era hostil. Havia uma indiferença em relação ao tratamento comigo por eu ser de fora. Eu experimentava em pequenos atos cotidianos, que não era bem vinda a uma conversa solta na sala de aula ou no intervalo no pátio da escola. Havia respostas frias. “Quando não se têm conhecidos, próximos, na cidade, é difícil superar a exclusão de círculos de sociabilidade construídos em torno do trabalho ou vizinhança”. (MAMANI, 2016, p. 42). Sentia-me como uma *outsider* tentando participar das rodas e círculos que se formavam na escola. Diante desse tratamento, decidi analisar a situação e virar o jogo. Assim como Elias; Scotson (2000), que analisou uma pequena cidade inglesa que chamou ficticiamente de Winston Parva, passei a analisar a escola e a sala de aula. As pessoas tinham um sentimento de pertença tanto a escola quanto ao bairro e as pessoas do lugar. Suas relações pessoais e profissionais fecundadas a longo período lhes permitia uma coesão como grupo social, fechado e exclusivo. O problema que identifiquei nesse tipo de relação diz respeito ao preconceito e a estigmatização daqueles que não pertencem ao lugar, assim como eu, recém-chegada, que, no imaginário coletivo criado pelo grupo estabelecido, era uma grande ameaça não aos “bons costumes” do lugar, mas sim, a própria relação firmada entre eles. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 38).

Foi um começo difícil para uma professora recém-formada e chegada a um lugar. Desde então, passei a observar como os alunos se comportavam com os outros professores e nas atividades que eram realizadas. Observei também que por terem tido aula no 1º ano por uma professora que não era formada na área, alguns conceitos sociológicos e até mesmo a compreensão do que estuda a Sociologia, Antropologia e Ciência Política eram muito confundidas pelos alunos ou quando não, não sabiam diferenciar uma da outra. Antes de entrar especificamente no conteúdo do 2º ano do Ensino Médio de Sociologia, resolvi fazer um seminário para que a confusão entre as áreas fosse sanada. Após muita resistência da maioria dos alunos, marquei a data para a apresentação do Seminário de Antropologia.

## *SEMINÁRIO DE ANTROPOLOGIA: QUE BICHO É ESSE PROFESSORA?*

Identifiquei após muitas perguntas e dúvidas quanto ao que era e o que estudava a Antropologia, a necessidade de aprofundar um pouco mais o conteúdo. No entanto, como vinha sendo tratada de forma hostil, busquei inovar a forma de apresentar esse conteúdo aos alunos. Escolhi o seminário por ser considerado como uma metodologia de estudo que possibilita novas idéias, novos questionamentos e novas perspectivas de pesquisas para os participantes. “O objetivo do seminário é levar todos os participantes a uma reflexão aprofundada de determinado problema, a partir de textos e em equipe”. (SEVERINO, 2002, p.63).

Thiesen (2018) aponta que as relações pedagógicas e epistemológicas devem caminhar juntas com o objetivo de priorizar a construção de conhecimento, sem necessariamente esquecer-se da teoria e conteúdos que devem seguir o currículo escolar e demais diretrizes. De acordo com o autor, as relações pedagógicas que se constroem no processo educativo devem ir de encontro a propostas que sejam discutidas em conjunto.

Os professores e equipe pedagógica podem observar como a partir dessas propostas, ocorrerá a interação entre os alunos, alunos com os professores, aluno com escola, sem falar na experiência e no convívio coletivo que pode transformar uma relação apática ou agressiva do aluno para com a escola em uma vivência mais produtiva e concreta. Dessa forma então, organizei as etapas. O livro didático de Sociologia adotado pela escola era *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia* (BOMENY, 2014) e a parte relacionada a Antropologia trazia os conceitos como Cultura, Alteridade, Etnocentrismo, Raça, Evolucionismo de forma muito codificada, endurecida, fora da realidade dos alunos e essa linguagem corrobora para aumentar o desinteresse e desmotiva os alunos a conhecer mais.

Busquei então colocar os alunos como protagonistas nessa atividade. Eu apenas seria a mediadora. Desde o primeiro passo que era separar os grupos, permiti que eles escolhessem com quem iriam trabalhar para realizar a atividade. Até mesmo o tema foi feito através de sorteio. Nessa etapa, percebi que a hostilidade havia baixado, pois, eu caracterizei o seminário como uma prova prática.

Observei que os alunos tinham a prova prática como sinonimo de não ter que estudar para responder questões. No entanto, o seminário foi mais que um texto para ser

decorado e apresentado. Utilizei duas das três aulas para ministrar os conceitos da Antropologia e a próxima aula seria para a apresentação dos grupos.

Utilizei o meu aprendizado da graduação sobre grupos minoritários. Após a divisão da turma, os temas que foram sorteados giravam em torno dos Pescadores, Quilombolas, Circenses, Ciganos. Não utilizei o tema, Moradores de rua devido ter observado muito preconceito e discriminação. E, como novata na escola, optei por não me expor e nem expor os alunos de forma que pudessem se achar constrangidos. Esse ainda é um tema que necessitar de muita desconstrução.

O seminário consistia em quatro partes: 1) Parte Escrita; 2) Parte Falada; 3) Parte Colada e 4) Parte Caracterizada. A parte escrita dizia respeito àquela parte em que os alunos fazem um trabalho com capa, introdução, desenvolvimento, considerações finais e referências. Essa parte escrita é entregue na aula no momento da apresentação.

A parte falada é a apresentação do trabalho em si que poderia ser realizada da maneira tradicional ou através de uma cena de entrevista, dramatização, paródia. O grupo poderia criar a sua própria apresentação desde que não saísse tema. A parte colada se resumia a imagens sobre o tema com legendas. Nada de escrita, somente imagens que poderia ser recortada de alguma revista ou até mesma desenhada por eles. E a apresentação do grupo deveria ser toda caracterizada de acordo com seu tema. Essa foi a cereja do bolo. Os grupos se empenharam em apresentar excelentes colagens, além de trabalhos que contemplaram os conceitos antropológicos e a apresentação caracterizada foi o ápice do seminário.



Figura 1 - Grupo: Os pescadores - Fonte: Arquivo da autora, 2017

O grupo que representou os pescadores foi composto por 3 alunos os quais são amigos desde criança. A equipe se empenhou com a pesquisa e apresentaram dados estatísticos da pesca na região, tipos de peixes mais pescados e os equipamentos de pesca. Na colagem, apresentaram a evolução dos equipamentos e barcos. Como observação, os alunos destacaram que existem muitos tipos de pescadores os quais denominaram de pescador raiz e pescador nutella fazendo referência a pescadores que tem hábitos mais peculiares de quem já é acostumado a pescar. Essa apresentação foi muito gratificante, pois ao final eles fizeram uma fala em relação ao desenvolvimento do trabalho,

“Nosso grupo gostaria de agradecer a professora por ter tido de fazer esse seminário em forma de prova prática, pois, a gente estudou brincando e foi muito legal dividir as tarefas com meus amigos, a gente aprendeu muito e aprendeu junto de uma forma diferente que deu pra gente um conhecimento de um assunto que muita gente não liga muito, mas a pesca é coisa séria, é sustento de muita gente enquanto tem gente que pesca pra se divertir” (ANTONIO<sup>2</sup>, 2017)

O objetivo da atividade era o de promover conhecimento aos alunos de forma diferenciada e que pudesse aproximar aluno-aluno e aluno-professor. No entanto, observei que as relações que já eram personalizadas foram mais fortalecidas e algumas outras foram se formando.

Todo o trabalho e a forma como os grupos foram se organizando para realizar as etapas do seminário para a apresentação representou toda a complexidade que envolve as relações humanas, pois, na medida em que precisavam de ajuda para avançar no trabalho, as diferenças e a hostilidade foram ficando para trás e a sociabilidade antes fechada para mim, foi se abrindo. Não há como manter estável as relação entre pessoas e grupos, o indivíduo naturalmente mutante, transformador.

Em outro momento, a apresentação do grupo responsável pelo tema: Ciganos também surpreendeu a todos com a riqueza de informações que foram apresentadas e a forma de apresentação,

---

<sup>2</sup> Para preservar o anonimato dos protagonistas descritos neste trabalho, foram alterados nomes, datas e determinados lugares. Não creio que estes cuidados, derivados de exigências éticas, tenham afetado a fidedignidade da descrição.



Figura 2 - Grupo: Ciganos - Fonte; Arquivo da autora, 2017

Esse grupo se destacou pela forma que trouxe as informações pesquisadas. Eles se organizaram para fazer uma pesquisa nos jornais da cidade, na internet e nos livros escolares. Foi uma grande surpresa, pois, o próprio tema despertou a curiosidade.

Me senti profundamente grata comigo mesmo ao perceber que havia conseguido ir além do esperado com essa turma que já me olhava como parte do grupo, pois,

Aprender a pensar sociologicamente – olhando – em outras palavras, de forma mais ampla – significa cultivar a imaginação. Estudar Sociologia não pode ser apenas um processo rotineiro de adquirir conhecimento. Um sociólogo é alguém que é capaz de se libertar das imediatezidades das circunstâncias pessoais e apresentar as coisas num contexto mais amplo. O trabalho sociológico daquilo que o autor norte-americano C. Wright Mills, numa frase famosa chamou de imaginação sociológica. (MILLS, 1975 *apud* GIDDENS, 2005).

De acordo com a visão do autor, a imaginação sociológica, acima de tudo, exige de nós que pensemos fora das rotinas cotidianas a fim de que as observemos de modo renovado, livre dos juízos de valor e da influência do senso comum. Foi esse sentimento que povou em mim ao ver aquele grupo de alunos apresentando o seminário.

Os alunos desse grupo se organizaram para apresentar a pesquisa que realizaram de forma inovadora. Eles apresentaram o tema simulando uma entrevista.

Um dos alunos iniciou a apresentação utilizando uma caixinha de som imitando o toque de abertura de telejornais da mídia. Iniciou a fala apresentando como os ciganos eram perseguidos por ter a sua origem cercada de mistérios e mitos. Logo após, passou a fala para outro aluno que representava um reporter que iniciou com uma fala assim,

Nesse momento estamos aqui com um grupo de ciganas que vem sendo perseguidas por estar nas ruas de Cachoeiro tentando ler a mão das pessoas na rua. Gostaríamos de ouvir como elas se sentem ao serem ignoradas ou rejeitadas por saberem que algumas pessoas fazem isso pelo fato de serem ciganas.

As alunas que estavam, dentro das suas possibilidades, representando as ciganas responderam ao repórter,

Nós somos um povo que sem sofrendo muito preconceito e discriminação por sermos diferentes das outras pessoas. Nosso povo apenas tem um modo de vida diferente, mas não somos bicho e queremos ser tratados com respeito. Há muito tempo a figura do cigano vem sendo disseminada de forma distorcida, pois, ficam falando que somos enganadores e ladrões de criança. E nós não somos nada disso. Nós lemos a sorte das pessoas como forma de ganhar nosso sustento e as pessoas nos ignoram, desviam da gente. Isso é muito triste.

Nesse momento, toda a turma estava prestando atenção a fala das alunas. E em dado momento, ouvi um aluno falar se podia fazer uma pergunta. Eu disse que podia sim. Então, o aluno do outro disse: “Vocês poderiam dizer de onde vieram e porque as pessoas acham que vocês roubam e enganam os outros?”

Eu estava ali prestando atenção aos alunos para que a apresentação e discussão não tomasse outro rumo senão aquele que tinha como objetivo a construção do conhecimento acerca do estudo da Antropologia.

Fui surpreendida mais uma vez por esse grupo quando uma das alunas respondeu:

“Posso dizer sim, que somos um povo que não tem as mesmas regras e normais que vocês e por isso causamos medo, estranhamento. Mas, se todo mundo procurava entender o povo cigano, muitas coisas seriam evitadas, porque as mesmas pessoas que correm de nós na rua são aquelas que gostam de nossa música, nossa dança, nossos costumes que não são tradicionais atraem muitos olhares e as pessoas não estão acostumadas com isso”

Naquele momento eu compreendi que eu estava no caminho certo, pois a turma toda estava interessada na apresentação e nas pesquisas que foram realizadas. Estavam participativos e isso causou uma comoção muito grande em mim, que com muito custo

consegui alcançar meu objetivo como professora que era promover não só o conhecimento teórico, mas principalmente o prático.

O seminário representou aquele momento em que a teoria foi conectada com a prática através de pesquisa, conhecimento e compartilhamento. Essa atividade promoveu uma transformação entre os alunos e estreitando laços entre eles e comigo que além de ser a professora que não era da cidade, ou seja, uma *outsider*, ainda tinha tirado a professora anterior, que era estabelecida na cidade. (ELIAS; SCOTSON, 2000).

O professor tem muitas opções metodológicas. Mas, sozinho não chega a lugar algum. A escola é um encontro de mundos e de profissionais. Professores, Diretores, Coordenadores Pedagógicos, Equipe administrativa. A escola possuiu vários setores que devem funcionar como uma grande cidade. Precisa da direção, de administração e apoio pedagógico. E o professor deve conhecer e se inter-relacionar com esses setores e com quem faz parte desses setores. Quando todos os setores conseguem se organizar e trabalhar juntos, o sucesso é garantido. Mas, não é fácil. Requer um esforço grande de todos envolvidos no processo para que dê certo. E, desistir no primeiro obstáculo que surgir é sinal de fracasso. Então, o professor deve buscar formas de atuar da melhor maneira possível até achar a sua didática, a sua maneira de dar aula. Todos esses setores podem contribuir com o trabalho do professor na escola, mas somente o professor sabe o que pode funcionar na sala de aula com as turmas. Como dizia Giddens (2005),

“A sociologia pode nos fornecer auto esclarecimento, uma maior auto compreensão. Quanto mais sabemos por que agimos como agimos e como se dá o completo funcionamento de nossa sociedade provavelmente seremos mais capazes de influenciar nossos próprios futuros.” (GIDDENS, 2005, p. 42)

Com essa experiência, pude observar que o professor também tem que ter sensibilidade para diferenciar as situações que acontecem na sala de aula e tomar decisões que giram em torno de um objetivo pedagógico como descrito nos documentos que orientam as práticas docentes, ainda que esteja sendo de alguma forma, prejudicado ou constrangido com atitudes que muitas vezes não são esperadas. Caso isso ocorra, é atribuição da equipe pedagógica juntamente com o professor realinhar a forma de conduzir o problema, seja por meio de planos de aulas e de metodologias. Para solucionar problemas de convivência como este, de não aceitação de um professor pela turma, sempre tem que ser pensado segundo uma lógica pedagógica, com objetivo de

despertar o interesse, raciocínio ou coordenação da criança e conseqüentemente possibilitar a construção de conhecimento.

A intervenção do professor deve sempre ser realizada com o apoio da equipe pedagógica e na impossibilidade dessa, da equipe diretiva. Com isso, o ato de aprender pode ser tornar o maior trunfo do professor, pois, a partir de uma ação pedagógica com vistas a obter algum resultado pode solucionar problemas para além do esperado.

Professor e aluno apoiados pela estrutura organizacional da escola podem construir não só conhecimentos científicos, mas principalmente uma relação de afetividade que vai contribuir para o crescimento escolar e pessoal além de promover o aprendizado de forma prazerosa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É sabido que a Educação sozinha não consegue promover as mudanças que se deseja. E é exatamente isso que estou aprendendo desde minha primeira experiência como professora, pois minhas incursões em sala de aula me proporcionam um aprendizado não só por poder realizar aquilo a que me propus: compartilhar e mediar conhecimento, mas principalmente por poder a cada aula refinar uma prática pedagógica que valorize uma metodologia que se enalteça com a experiência e saberes (FREIRE, 2000) do aluno. Além de fazer uma articulação entre a teoria e prática, o professor deve se atentar ao comportamento da turma, buscar saber sobre a realidade dos seus alunos e como relacionar essas especificidades com a forma a qual desempenha o fazer docente. Não é tarefa fácil. Também não é impossível na medida em que a cada aula o professor busque superar os desafios da docência. Considero a atividade final da aula sobre Antropologia muito positiva, pois, foi possível identificar através do envolvimento da turma na realização das outras atividades e das avaliações um aumento no rendimento dos alunos o qual chamou atenção da coordenação pedagógica. Consequentemente, o resultado positivo da atividade abriu portas para projetos interdisciplinares com professores de outras áreas, como por exemplo, da disciplina de Biologia. A Coordenação da escola, ao perceber que o interesse dos alunos em relação a atividades práticas diferenciadas aumentou e serviu de motivação para outras, foi incluído no calendário escolar um período específico para abordagem de temas mais amplos como violência em suas várias formas (física, verbal, psicológica). Apesar da inexperiência, medo e ansiedade que cercam professores de primeira viagem, uma imersão no mundo e nas práticas pedagógicas somadas a criatividade podem render bons resultados.

## REFERÊNCIAS

BOLTANSKI, Luc & THÉVENOT, Laurent. **De la justification**: les économies de la grandeur. Paris: Éditions Gallimard, 1991.

BOMENY, H. **Tempos Modernos Tempos de Sociologia**. Volume Único. Selo PNLD 2015/2016/2017. 383 p. 2ª edição. 1ª impressão. 2014.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.

DA MATTA, R. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

ELIAS, N.; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FOOTE-WHYTE, W. **Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1989.

GIDDENS, A. **Sociologia**. 2005. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

MAMANI, H. A. Do 'atraso' e do 'desenvolvimento' como elementos do dilema da 'sociabilidade fechada' de Campos dos Goytacazes (RJ). **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v.15, n. 45, p. 40- 50, dezembro de 2016. Disponível em <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/MamaniArtDossie.pdf>. Acesso em 01 Junho 2021.

MANTOAN, M. T. É. **Inclusão escolar**: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2005.

MILLS, C. W. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

NÓVOA, A. **Novas disposições dos professores**: A escola como lugar da formação. 2013. Disponível em <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/1/21205-ce.pdf>. Acesso em 04 Mai de 2021.

THIESEN, J. S. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**. Print version ISSN 1413-2478 On-line version ISSN 1809-449X. Rev. Bras. Educ. vol.13 no.39 Rio de Janeiro Sept./Dec. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782008000300010>. Disponível em [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782008000300010](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782008000300010). Acesso em 01 Jun. 2021.